

É possível sair do presente? Uma teoria prospetiva

EDUARDO DUQUE¹

INTRODUÇÃO

Nas sociedades antigas, o tempo era percecionado de forma cíclica, mítica, sem duração, em que se arranca o homem, tal como descreve Mircea Eliade (1969), em *Le mythe de l'éternel retour*, do seu tempo individual cronológico, histórico, projetando-o, pelo menos simbolicamente, em um grande tempo que não se pode mensurar porque não é constituído por uma duração. Nas sociedades modernas, o conceito de tempo passou a assumir outras conotações, ao a ser entendido como sucessão e continuidade, desenhado de forma mais objetiva e científica, veiculado sempre à liberdade da pessoa. Nas sociedades contemporâneas, marcadas por uma crescente complexidade, o tempo tornou-se um problema a, em parte, devido à instabilidade do futuro, que não permite qualquer tipo de previsão dos processos sociais e organizativos o que conduz, não só a um grande desconhecimento do próprio futuro, como a uma instabilidade do próprio presente.

Estas conceções do tempo, que mais não são do que representações sociais, respondem pelas três grandes formas de pensamento: meta-histórico, histórico e para-histórico. No estádio meta-histórico ou ante-histórico criava-se uma rutura no tempo deslocando a criatura para o tempo mítico, de raiz sagrada, longe da profanidade do tempo e aí o homem encontrava-se a ele mesmo. No segundo estádio, encontramos o homem mergulhado na vida, centrado nele mesmo, arrebatando a si, sem o ritual da regeneração do tempo, o sofrimento da própria história. No último estádio, o para-histórico, ainda muito novo, e como tal com formas ainda desconhecidas, encontramos o presente saturado de tudo, mas simultaneamente muito esgotado, por não conseguir trazer até aos limites do presente a herança do passado. E o passado dá a cada indivíduo uma história “que se estende muita além de seu passado pessoal e permite que alguma coisa das pessoas de outrora continue a viver no presente” (Elias, 1994: 182). Um tempo presente assim, “sem profundidade temporal” (Duque, 2012: 118), sem história nem passado, sem impulso ôntico, evadido do processo temporal é trágico, sem capacidade de fazer ponte entre passado e presente, é inelutavelmente sofrimento, é tempo castrado, incapacitado de porvir.

¹ Universidade Católica e CECS – Universidade do Minho. E-mail: ejduque@gmail.com

Todavia, o homem, o de todos os tempos, traz em si e dentro si, inscrito no seu mais íntimo, tanto o tempo mítico, que lhe outorga símbolos e arquétipos, como o tempo histórico, constituído por pedaços de vida. Balzac (1951) afirmava em *A Solteirona*: as épocas tingem os homens que passam por elas. Imprimem neles a sua marca característica e os moldam. O problema e a complexidade impõem-se no tempo para-histórico, já que deixou de ser tempo-sucessão. Trata-se de algo profundamente diferente, demasiado opaco e a necessitar de novas teorias e categorias interpretativas, capazes de perceberem o que no tempo permanece oculto.

Com efeito, o tempo - constituído dessa matéria que permite expressões, histórias e vidas - é que confere “capacidade de inter-relacionar o passado e o futuro no presente” (Luhmann, 1976: 137), logo, ao escrever sobre o tempo, seus conceitos e formas, estamos a transpor as suas qualidades para o nível do real, revelando a sua natureza, suas capacidades e o tecido de que ele é formado.

O TEMPO ENQUANTO EXPRESSÃO RELATIVA

Está o tempo no tempo? Diz-se que algo é real quando está no tempo. A interrogação vem de longe, desde os primeiros tempos da história da humanidade e ganhou novo alento a partir do século XX com a atenção das várias ciências, decompondo-o em teorias diversas, desde as mais triviais às transcendentais, da física à filosofia, do mais objetivo à ficção. Ficou, assim, aberto o caminho para as mais inesperadas interpretações do tempo, cuja aplicação no âmbito científico projetou vários roteiros.

Foram vários os autores que o tentaram definir, quer substantivamente, fixando-lhe pontos de referência, quer pelas suas presenças e manifestações. Santo Agostinho (1996: 322), nas *Confissões*, pergunta:

“Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei”.

Pascal (1963: 350), por sua vez, refere nos seus *Pensamentos*: “Com o tempo acontece que ninguém o sabe definir... Na realidade, para quem tentá-lo, se depois de tudo, quando se fala de tempo, todos os homens entendem o que se quer dizer? Quando se houve a expressão tempo, todos levam o pensamento a um mesmo objeto”.

Há quem recorra a referências mais subjetivas para o definir: a imagem do rio irreversível, estendida desde Heráclito até Manrique; o tempo circular que Schopenhauer (2005: 330) descreve assim: “O tempo é como um círculo que girará infinitamente; a curva que desce é o passado, o que ascende é o porvir; em cima há um ponto indivisível que toca a tangente e é o agora”; ou o tempo virgiliano (*Geórgicas*, III, 284-285) descrito como *fugit irreparabile tempus*.

Também Heidegger e Bergson marcam profundos roteiros nesta problemática. Heidegger (2005) quando distingue entre tempo e temporalidade e sugere o tempo como um fenómeno integrado - envolvendo um passado, um presente e um futuro - e a temporalidade como um fenómeno tríplice, segundo o qual nos é dada a experiência de que somos advindo, *somos sido* e *somos apresentando*, abrindo, assim, a Pandora do relativismo. Ainda com Heidegger aprendemos que há um tempo datável, distendido, público e mundano. Datável pela sua capacidade de ser fixado entre pontos; distendido, na medida em que permite expressões como “tomar tempo” e “perder tempo”; público e mundano, porque está à nossa disposição, aí para ser experienciado e vivido. De Bergson (1927: 76) percebemos o tempo quando explica que “não duramos sozinhos no tempo: as coisas exteriores, parece, duram como nós”, antecipando assim, também ele, um preceptismo relativista.

Bem nos poderíamos fixar, neste artigo, nas definições de tempo, mas, dado não ser esse o nosso objetivo, queremos sublinhar, ao jeito de Heidegger e Bergson, o seu carácter relativo, como que se a verdade no tempo fosse sempre relativa.

Portanto, a tomada de posição é clara. Para se falar do tempo pressupõe-se estar nele. Presume-se, por isso, “boa-fé”. Vivemos nele, aqui e agora. Portanto, a nossa crença vai ser partilhada, remetemo-nos a um determinado contexto e simplesmente dizemos: é verdade! É verdade que ser ou não-ser é a questão se invocarmos o Hamlet de William Shakespear, mas deixará de ser verdade se nos situarmos em Parménides. A questão é simples, só o ser é, o não-ser, de facto, não é.

“O certo, é que se Faurisson gozar «de má fé», Vidal Naquet não conseguirá convencê-lo de que é verdadeira a frase: *Houve câmaras de gás*” (Lyotard, 1991: 32). A queda dos referentes fixos de verdade, que a contemporaneidade sublinha, mais do que remeter-nos para questões de sentido, ou de verdade, remete-nos para a plausibilidade dos diversos discursos, para a possibilidade, e pouco mais, das plataformas de *verdade*, que sustentam ou travam uma qualquer tentativa empreendedora da nossa parte.

Mas “o rapaz sorrirá na tela enquanto esta durar. O sangue lateja sob a pele deste rosto de mulher, e o vento agita um ramo, um grupo de homens prepara-se para partir. Num romance ou num filme, o jovem deixará de sorrir, mas recomeçará se nos reportamos a determinada página ou a determinado momento” (Deleuze & Guattari, 1992: 144). E será sempre verdade que o rapaz está a sorrir, que sobre esse rosto de mulher o sangue lateja, que o vento agita um ramo, e que um grupo de homens se apronta para a largada, se voltarmos a essa página desse romance, a essa tela enquanto durar, ou a esse momento do filme que julgamos inesquecível. E o tempo de ontem e de amanhã estão aí, no presente, e, por mais paradoxal que pareça, conjugam-se de verdade.

Consequente com este raciocínio, que sugere que a visão histórica do mundo está vinculada à sua percepção *temporae* (Grossin, 1974; Simmel, 1978; Heller, 1982; Weber, 1964; Adam, 1994), torna-se possível definir uma das formas mais curiosas do tempo que é a sua plasticidade, característica que permite criar tempos inexistentes,

deter o tempo, retrocedê-lo, produzir tempos paralelos ou, como refere Virgínia Woolf (1951: 98), “desacordar o tempo do relógio do tempo da alma”, proporcionando, assim, ucronias.

Para corroborar a ideia de tempo relativista, retomemos agora a página do romance de Wells (1895), na qual se apresenta a máquina do tempo, artifício mecânico que permite acelerar e desacelerar a história, voar em todas as direções, revelando que o velho Cronos pode não ser o único senhor do tempo.

Vejam os ainda outra história, bem possível nos tempos de hoje, em que duas pessoas marcam um encontro para determinado tempo. Não importa aqui o espaço, detenhamo-nos somente na questão de tempo, sendo que o espaço, como bem sabemos, é sempre referencial para que o encontro se realize. Caminhemos, então, com Eddington (1949): uma das pessoas viaja, para fora da terra, a extraordinária celeridade - visto que a inércia da matéria aumenta com a velocidade, acontece que para o que ficou na terra transcorreram, por exemplo, 70 anos; para o que esteve em viagem só decorreu um ano. Com efeito, o que viaja a grande velocidade vive mais lentamente do que aquele que permanece em repouso.

A grande questão que agora nos ocorre é saber se os tempos de hoje, mais acelerados e preenchidos, são de facto mais rápidos do que os de outrora; “pensemos que por trás da dinâmica de permanente aceleração possa haver uma ‘paradoxal estagnação’ da história na qual nada de realmente novo aparece” (Duque, 2012: 118). Ou seja, ao olhar para as relações sociais, para o sentido e disposição das sociedades, para os estilos de vida, o que vemos? Que tempo-acontecer aí encontramos? Outra vez a ronda da espiral relativista.

Foi a partir deste prisma, dos fenómenos sociais e políticos, que alguns autores da sociologia olharam e interpretaram as dinâmicas de tempo (Marx, 1988; Durkheim, 1985; Elias, 1997; Weber, 1964; Simmel, 1978; Adam, 1994; Araújo, 2006 e 2011; Franch, 2004). Atirados nesta mesma visão, vamos ser lançados na voragem, vamos vencer ou sucumbir!

O TEMPO DO NOSSO TEMPO!

E o tempo do nosso tempo? Exigirá alma, como diria, na sua *Física*, Aristóteles (IV, 14, 223 a)? Viveremos realmente uma época, originalmente rebelde, que abriu ruturas nos modelos sociais vigentes e que exige um rasgo de horizonte?

A época caracteriza, configura. “Os acontecimentos dão-se no tempo” (Duque, 2012: 122). Somos filhos da época. Ela infiltra-se no nosso pensamento e acaba por se manifestar em ações concretas. Portanto, cada época tem as suas teorias dominantes, de idealismo ou materialismo, de razão ou imaginação. Na atmosfera de uma época percebem-se irradiações positivas ou negativas, tons cinzentos ou coloridos, euforias ou depressões.

Cada época origina um novo traço, um novo enfoque. Converte-se em alguma coisa, serve um objetivo, procura ser convincente para perdurar. Repassando um olhar pela história quantas épocas se encontram provenientes de diferentes conceções

sociais, de modelos de desenvolvimento, de formas distintas de organização da vida! Por exemplo, no século XII, o espírito da época é sustentado pela organização do feudalismo e, no século XIII, reflete-se um clima de uma vida melhor do que em épocas anteriores; renasce o sentido da propriedade, antes depreciado pelo despotismo feudal. Já no século XIV, afirma-se uma procura de uma vida mais luxuosa, muito consentânea com o início do espírito burguês. Os séculos XV e XVI, revelam-se mais incapazes para aspirações transcendentais, são mais voltados à ciência, à afirmação do mundano e da busca da fama.

Poder-se-ia continuar a descrever a direção das sociedades ou as tendências de desenvolvimento até aos nossos dias, mas, tal não se justifica, dado que o que se pretende revelar é que cada época visa a materialização de um determinado tempo, um determinado enquistamento criativo, localizações precisas, delimitação entre fronteiras cronológicas.

E a época de hoje como a podemos descrever? Segundo Innerarity (2011: 19) “uma das consequências da tão frequente proclamada crise da ideia do progresso consiste em o futuro se tornar problemático e o presente se absolutizar”. Ora, as políticas estão voltadas para o presente, têm um olhar curto, atendem ao urgente e não prioritário. E sabemos bem que o prioritário tem um horizonte bem mais dilatado do que a miopia do urgente, em que tudo tem de ser resolvido no imediato, numa aceleração tamanha que tende a anular qualquer pensamento ou reflexão.

Vive-se de forma tão célere e agitada que o futuro pode esfumar-se nas tarefas do dia-a-dia. As novas tecnologias não são alheias a este fenómeno. Bem pelo contrário, contribuíram para o seu sucesso. A inovação ganhou velocidade; o balanço é muito e convoca, por vezes, uma certa náusea. Teria razão Sartre ao dizer que “a vida é uma paixão inútil”! O que hoje se inventou amanhã está em desuso e passa a ser passado. Passado pobre porque nem história fez. E o que a história faz é narrar a vida no tempo.

O tempo presente está repleto de sinais de descontinuidade, são sinais paradoxais; por lado, exprime-se a satisfação com a vida, a plenitude de felicidade, por outro, encontra-se a crise e a inexorável deterioração que ela acarreta, que levanta novas dúvidas sobre a matéria de que é construído o presente!

O presente é demasiado complexo, cruza processos, linguagens e estilos que eram até então inconciliáveis e tudo acontece numa vigorosa imprevisibilidade de movimentos, não permitindo antever qualquer futuro. “O futuro privatiza-se, pluraliza-se e fragmenta-se. Temos uma ideia privada da felicidade, que já não está associada a projetos coletivos nem é entendida como algo possibilitado por um contexto social” (Innerarity, 2011: 151). Nas sociedades industriais o presente era, neste sentido, mais linear; as mudanças seguiam rumos expectáveis, o que permitia um futuro mais igual ao presente.

Dado que o futuro se tornou menos previsível e mais opaco, tem-se imposto como dono e senhor absoluto da história, o que nos leva a dizer que só existe o presente e ele tudo coloniza. A história ficou como que baralhada e os países menos

visados entraram em crise, abriram muitas ruturas, causaram sofrimentos mas, na ordem dos valores, pouco se tem assimilado porque não se dispõe do tempo suficiente para aprender e interiorizar que o tempo do futuro tem que ganhar peso político no tempo presente.

Ora, a história continua, agora sem mitos que nos socorram, certos de que a tecnologia ocupa somente “um” lugar não “o” lugar, de que a ciência não é a derradeira resposta e que o presente não pode, de forma mundana e abusiva, absorver toda a história. Cai, talvez, a pretensão à universalidade. Todas as propostas de que dispomos para prosseguir caminho, não são mais do que isso mesmo, propostas, alternativas que implicam o consenso. Esquecê-lo, instituir “a” *verdade* deste ou daquele modelo, é esquecermo-nos do guarda-chuva, pior do que isso, é perder o guarda-chuva, algo que a época presente, agora em crise, não pode fazer, tentativa à qual a sociologia não pode sucumbir.

Que posição cabe à sociologia neste duelo de *organização social* encetado pelo tempo presente? Rejeitada a questão “do sentido”, da pretensão à universalidade, que futuro se nos reserva? Não seremos capazes de ver que não há futuro? Poder-se-á proclamar “a verdade” do que é efêmero?

Pensamos que estas são algumas questões às quais é preciso uma resposta. Reclamamos um abandono dos discursos puramente tóricos das essências, mas não perspetivamos a caducidade precoce nem para a sociologia, nem para a filosofia como instrumentos de auxílio à tão sufocante busca de uma nova imagem (que não seja “a imagem”), de um novo rosto (que não seja “o rosto”), que o humano, mais do que nunca, reclama nos nossos dias.

Foi iniciado o processo de conquista de autonomia do futuro face à conceptualização da vida. Muita poeira irá ser levantada, é preciso que a sociologia abra uma brecha à tão desejada lufada de ar fresco. Começamos a adivinhar novos traços nos modelos de desenvolvimento (que já não é “o” desenvolvimento), a tinta vai correr como nunca, a sociologia não pode quedar adormecida à sombra de questões comezinhas. A história já não é homogénea e o tempo presente tem definitivamente de mudar de caminho.

UMA TEORIA PROSPETIVA

É preciso, pois, devolver à vida o que lhe foi retirado e colocado num além ideal, devolvendo o humano ao *real* e o futuro à história, processo que origina uma nova contenda: *hermenêutica* (enquanto via que procura um sentido para o homem) *versus desconstrução* (dos fenómenos socioeconómicos e políticos), que nos apresenta a alternativa do “*sim*” da afirmação do futuro, que toma a sociologia, enquanto prática e discurso lógico-racional, como algo que lê a realidade e propõe um novo modelo de vida.

Será a prospetiva um novo modelo? Acreditamos que sim, já que conjuga o presente e o futuro, o velho e o novo, sem que um asfixie o outro. Trata-se de, no presente, estar atento aos sinais, perceber que o futuro está aí, que o novo vai

entrando sempre que se olha de forma diferente, acrescentando novo valor ao que se vê, como movendo-se dentro de dimensões diferentes, para outra classe diferente de conhecimento. A prospetiva alcança intensidade e amplitude de onda diretamente proporcionais à experiência de novos conhecimentos. Portanto, não mata o passado, nem o presente, nem reduz o futuro. Bem pelo contrário, suscita a esperança porque o futuro deixa de ser radicalmente novo, passando a tornar-se mais expectável. Logo, é mais fácil orientar a vida. Cada um sabe com o que conta.

Segundo Innerarity (2011) são três os elementos que intervêm na prospetiva: identificação do novo, observação do presente e orientação para a ação. A *identificação do novo* implica, por um lado, uma *descontinuidade*, face a fatores que interrompem as sequências causais, dando origem a novos desafios sociais, técnicos ou ecológicos, e, por outro lado, uma *continuidade como inovação*. A *observação do presente* obriga-nos a andar de olhos bem abertos, atentos ao que se passa à nossa volta. A dificuldade de predição do futuro provém do pouco conhecimento do presente. A tarefa da prospetiva é aqui expandir espaços de possibilidade, a partir do hoje para o amanhã, passar do diagnóstico ao prognóstico. Finalmente, uma *orientação para a ação*. A missão do prognóstico é refletir e aconselhar escolhas adequadas, apelando ao facto da existência de efeitos colaterais. E os mais interessantes são os que desenvolvem atitudes antecipatórias. Em todos eles há um elemento de aposta não científica. No âmbito da economia e da política os prognósticos têm o sentido de controlar comportamentos mediante um apelo ao futuro. O futuro é um poder que não pode ser contrariado, pois todos temos necessidade de horizonte, de porvir. O futuro tem que ser pensado, no presente, a longo prazo.

Do exposto, fica a ideia de que o presente - com todas as suas potencialidades - tornou-se tirânico, expôs a ridículo o futuro, conquistou-lhe parte do seu tempo, avassalando-o, progresso que se voltou contra o próprio presente. Deixou-o em crise económica, social e, fundamentalmente, valorativa. O presente tem que ser mais amigo do futuro. Tem que avançar para o jogo de forma criativa, com táticas consistentes e com vontade de ganhar. Mas não se pode esquecer da variável que mais determina o seu ganho, que é a ética. Ganhar sem ética, é perder tudo. É voltar para trás, à crise que devolve o sofrimento.

E para sair da crise propomos que se procure um consenso, que pode partir de um novo olhar sobre as coisas, uma paragem nos pormenores, dar-lhes nova importância, acrescentar-lhes valor, sem ser ambicioso e querer roubar o futuro de cada coisa. Propõe-se, assim, uma prospetiva que suavize a angústia e que dê mais valor e permanência ao tempo.

Importa agora compreender como é que os indivíduos, na realidade, encaram a vida no tempo presente e como é que a projetam para o futuro. Para tal recorreu-se a um conjunto de variáveis do Inquérito European Social Survey (ESS) 2012, a partir das quais tentou compreender-se o modo como os europeus percebem a sua vida, como se sentem no presente e como preparam a sua vida para o futuro.

Partindo da análise da forma como os europeus em geral se relacionam com a sua vida presente e como se posicionam em relação a esta, depreende-se que há uma postura positiva em relação à vida, pois, numa escala de 0 (extremamente insatisfeito) a 10 (extremamente satisfeito), os europeus apresentam uma média de 6,93, representando um bom nível de *satisfação com a vida*, por outro lado, a média de 7,21 traduz um grau muito expressivo de *felicidade* com os diversos aspetos da sua vida presente.

Esta vivência do presente é corroborada com a *perspetiva pessoal do futuro*, pois quando questionados sobre *em que medida sentem que têm um rumo para a sua vida*, os europeus são bastante assertivos na sua posição, apresentando, numa escala de 0 (significa nada) a 10 (significa totalmente), a média de 7,04 que demonstra confiança no futuro. A noção de que a sua vida pode ter um rumo é reforçada por 7 em cada 10 europeus que afirmam ser *sempre otimistas em relação ao seu futuro*.

Desta análise fica por saber se, em geral, os diferentes países que compõem a Europa têm a mesma forma de olhar para o presente. Para se obter uma visão do que aqui se expõe, selecionou-se dois diferentes países que apresentam um contexto geográfico, económico e sociocultural diferente entre os países europeus: por um lado, Portugal, país do sul da Europa, e, por outro, Alemanha, da Europa central.

Recorrendo às variáveis acima analisadas do contexto europeu, verifica-se que os alemães apresentam um grau de *satisfação com a vida* presente acima da média europeia, com 7,49, enquanto Portugal se apresenta um pouco abaixo, com 5,96 de média. A mesma tendência está presente quando os alemães e portugueses se pronunciam sobre a sua *felicidade*, sendo que os alemães apresentam um nível de felicidade acima da média europeia, com 7,63, e Portugal ligeiramente abaixo, com 6,44. Da mesma forma, também a *perspetiva pessoal do futuro* é mais intensa entre os alemães que entre os Portugueses, pois a média de 7,43 evidencia que os alemães são mais convictos que os Portugueses, com 6,20 de média, quanto *ao rumo que a sua vida pode ter*, assim como são mais otimistas em relação ao seu futuro, pois 8 em cada 10 alemães referem *ser sempre otimistas em relação ao seu futuro*, contra apenas 5 em cada 10 portugueses (cf.: G.1).

Não obstante verificarem-se diferenças significativas entre Portugal e a Alemanha na forma como se posicionam em relação à sua vida presente e futura², estas dissemelhanças não abrem, por si, uma rutura na forma como os indivíduos de ambos os países percebem e vivem o presente, uma vez que os valores apresentados, todos acima da média da escala, deixam transparecer que há uma visão comum em relação à vida. Não esqueçamos que ambos os países partilham a mesma matriz europeia.

² Satisfação com a vida: $t(7.986) = 20,128$, $p < 0,001$; Felicidade que sente $t(7.986) = 17,397$, $p < 0,001$; Rumo para a sua vida $t(7.897) = 16,120$, $p < 0,001$.

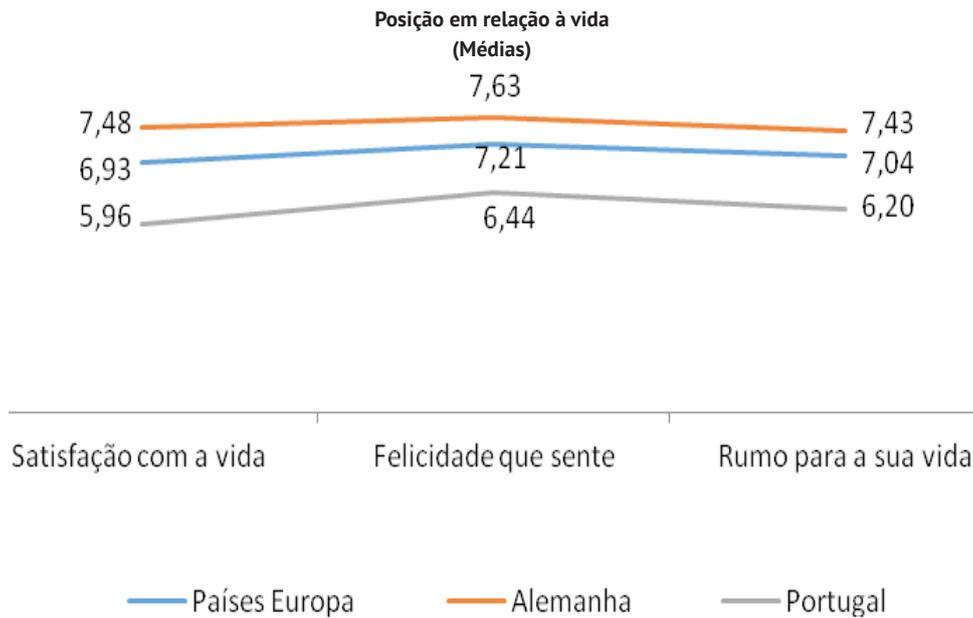


Gráfico 1 - Posição em relação à vida
Fonte: Elaboração própria, a partir do ESS, 2012

Se analisarmos a posição dos europeus, de um modo especial dos portugueses e dos alemães, segundo o *sexo*, verifica-se que não há diferenças entre os homens de ambos os países em relação à *satisfação com a vida*, porém, o mesmo não acontece em relação à *felicidade que sentem* e ao *rumo para a vida*, já que os homens alemães apresentam-se com horizonte mais aberto. Também são notórias as diferenças entre as mulheres alemãs e portuguesas em relação às dimensões em estudo, sendo aquelas as que revelam mais *satisfação, felicidade e orientação para a vida*³. Ao analisar as mesmas variáveis segundo a *idade*, vemos que os mais jovens (15-29), tanto em Portugal como na Alemanha, demonstram ter um maior grau de *satisfação e de felicidade na vida* do que os grupos etários mais velhos. Entre os mais jovens, verifica-se que os alemães apresentam maior *satisfação com a vida* que os portugueses, mas, quando questionados em *relação ao futuro*, as diferenças desaparecem. Na facha entre os 30 e 49 anos, as diferenças entre ambos os países só se fazem sentir em relação ao *rumo para a vida*, sendo que os alemães os que contam com um melhor futuro. Entre os indivíduos com 50 e mais anos, só há diferenças em relação à *felicidade*, sendo também aqui os alemães a manifestar maior satisfação com a vida⁴. Ao relacionar os grupos etários entre os países, a diferença dos valores salienta que, independentemente da idade, os alemães apresentam-se sempre mais otimistas e com um horizonte mais largo em relação à vida. (cf.: G.2)

³ Satisfação com a vida: tH (3.927) = 0,132, ns; tM (4.057) = 16,651; Felicidade que sente tH (3.930) = 9,620; tM (4.055) = 14,786; Rumo para a sua vida tH (3.893) = 8,252; tM (4.002) = 13,959; em todos os casos $p < 0,001$.

⁴ 15-29 anos: $t_{\text{Satisfação com a vida}}$ (1.528) = 6,040; 30-49 anos: $t_{\text{Rumo para a vida}}$ (2.365) = 6,736; 50 e mais anos: $t_{\text{Felicidade}}$ (4.056) = 15,498; em todos os casos $p < 0,001$.

Satisfação, felicidade e rumo para a vida, segundo a idade
(Médias)

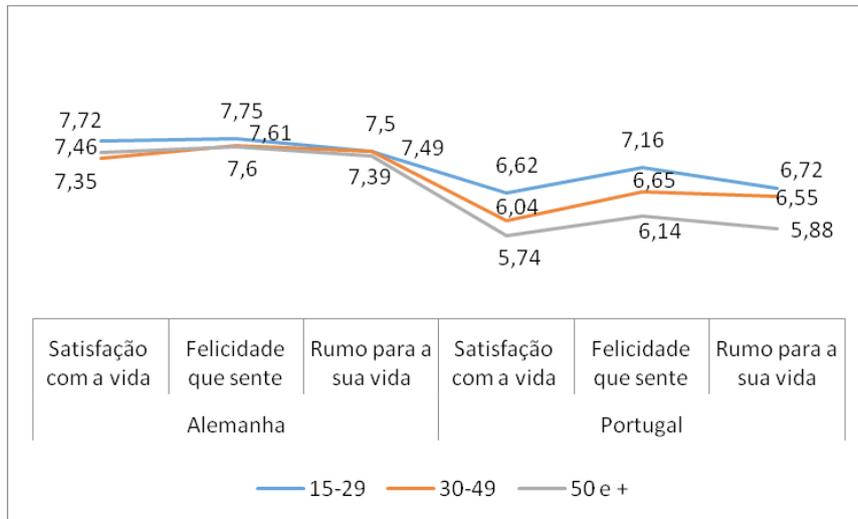


Gráfico 2 - Satisfação, felicidade e rumo para a vida, segundo a idade
Fonte: Elaboração própria, a partir do ESS, 2012

Fazendo uma leitura das variáveis segundo a *situação profissional dos portugueses e alemães*, percebemos que os estudantes são os indivíduos que apresentam as médias mais altas de *satisfação e felicidade* e maior consciência *do rumo da sua vida*. Contrariamente a estes, os indivíduos desempregados são os que apresentam as médias mais baixas em todas as variáveis. Entre os estudantes de ambos os países não há diferenças na forma como se posicionam em relação às três dimensões em estudo; há, porém, diferenças entre os trabalhadores e desempregados, sendo, nestes casos, os portugueses a manifestarem-se mais deprimidos em relação à vida⁵. (cf.: G.3).

(Médias)

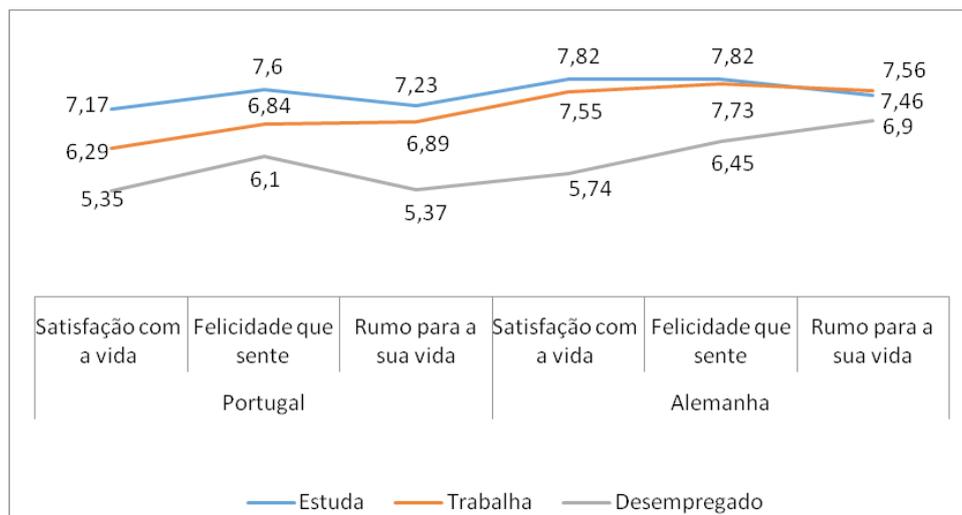


Gráfico 3- Posição em relação à vida, segundo situação profissional
Fonte: Elaboração própria, a partir do ESS, 2012

⁵ Entre os que trabalham: $t_{\text{Satisfação com a vida}} (4.011) = 11,116$; $t_{\text{Felicidade}} (4.014) = 9,183$; entre os desempregados: $t_{\text{Satisfação com a vida}} (497) = 1,584$; $t_{\text{Felicidade}} (498) = 1,627$; em todos os casos $p < 0,001$.

A forma como se sentem no presente reflete-se, também, na forma como encaram a sua própria vida, pois, 7 em cada 10 europeus dizem *sentir-se realizados com o que fazem* e 8 em cada 10 referem ter *sentimentos muito positivos a seu respeito*. Os alemães e os portugueses apresentam diferenças significativas nestas perspetivas: 9 alemães e 7 portugueses em cada 10 afirmam que *na maior parte dos dias sentem-se realizados com o que fazem* e 9 alemães e 8 portugueses em cada 10 afirmam que, *de um modo geral, têm sentimentos muito positivos a seu respeito*⁶.

Não obstante estas diferenças, os dados analisados evidenciam que os europeus, a este propósito e independentemente do seu contexto geográfico e socio-cultural, manifestam uma postura muito idêntica quanto ao grau de satisfação e realização na vida presente, bem como ao otimismo em relação ao seu futuro.

Na verdade os europeus assumem maioritariamente uma postura positiva em relação à vida, que se reflete também nos seus sentimentos. Questionados sobre *a forma como se podem ter sentido durante a última semana*, 7 em cada 10 europeus diz que *a maior parte das vezes ou quase sempre se sentiu calmo e em paz, feliz e satisfeito com a vida* e que *nunca ou quase nunca se sentiu só*; 6 em cada 10 refere ter-se sentido cheio *de energia e nunca ou quase nunca depressivo*.

Não obstante esta afirmação de sentimentos positivos, o presente é sentido por uma parte expressiva de europeus com um misto de sentimentos, que, em muitos casos, pode ser dificultador do progresso, situação manifesta nos 4 em cada 10 europeus que diz que se sentiu *triste, falhado e ansioso algumas vezes*.

Se tivermos em conta os dois países em estudo, vemos que tanto os portugueses como os alemães assumem uma posição semelhante à do conjunto dos europeus, apresentando maioritariamente sentimentos positivos, como *sentir-se feliz, satisfeito com a vida, calmo e tranquilo e cheio de energia*. Não obstante, há diferenças significativas entre estes dois países, pois os portugueses apresentam sempre um nível inferior nestes sentimentos de cariz positivo e percentagens ligeiramente mais altas nos sentimentos menos positivos, como *sentir-se só, triste e deprimido*⁷ (cf.: G.4).

A vivência do tempo e a valorização deste na vida é experimentado pelos europeus com sentido de oportunidade, pois questionados *se arranjam tempo para fazer as coisas que realmente querem fazer*, apresentam uma média de 6,66, numa escala que varia entre 0 (que significa nada) e 10 (totalmente), média que evidencia o interesse que os europeus depositam na sua realização pessoal no tempo presente. Tanto os portugueses como os alemães (média 6,51 e 6,74, respetivamente), a este propósito, enquadram-se na mesma perspetiva que o conjunto dos europeus. Os homens são os que referem atribuir mais tempo às suas ocupações e são as gerações

⁶ Há diferenças significativas na forma como as duas dimensões em análise se associam com os países: Sentir-se realizado com o que se faz: $\chi^2(2) = 303,04$, coeficiente de contingência = 0,19; Sentimentos positivos: $\chi^2(2) = 23,07$, coeficiente de contingência = 0,05, ambos os casos $p < 0,001$.

⁷ Diferenças entre os países em relação a um conjunto de sentimentos: sentir-se feliz: $\chi^2(3) = 65,44$, coeficiente de contingência = 0,09; satisfeito com a vida: $\chi^2(3) = 52,36$, coeficiente de contingência = 0,08; calmo e tranquilo e cheio de energia: $\chi^2(3) = 308,50$, coeficiente de contingência = 0,19; sentir-se só: $\chi^2(3) = 74,52$, coeficiente de contingência = 0,10 e triste: $\chi^2(3) = 109,07$, coeficiente de contingência = 0,12.

dos jovens (15-29) e dos mais velhos (50 e +) as que referem dedicar-se mais tempo no presente a essas atividades.

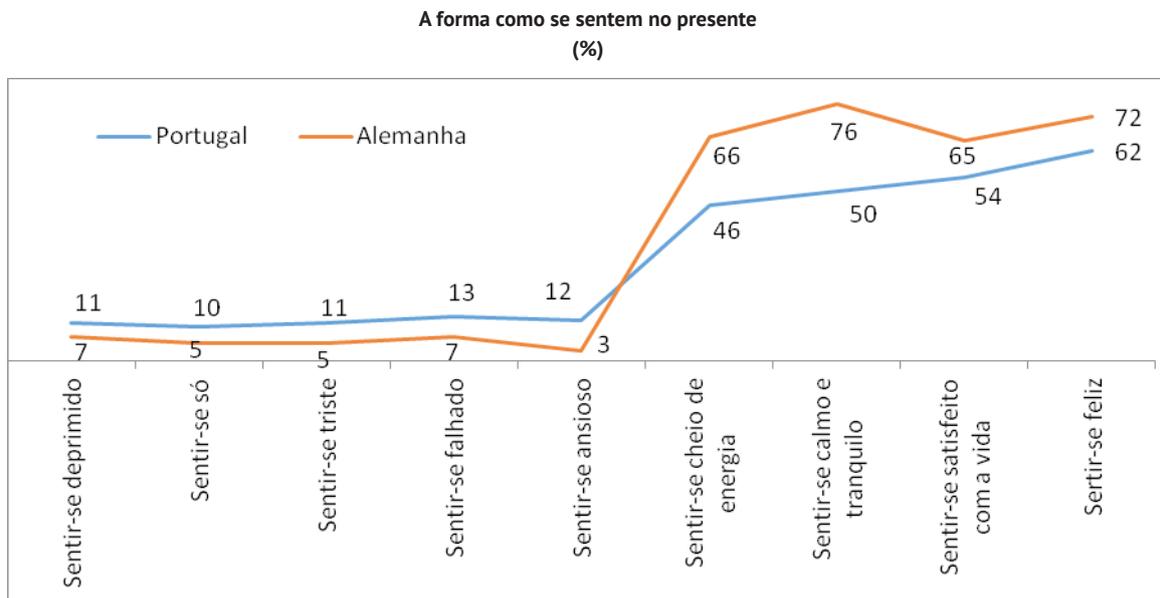


Gráfico 4

Fonte: Elaboração própria, a partir do ESS, 2012

Nota: os valores apresentadas são o resultado da agregação das percentagens das categorias maior parte das vezes ou quase sempre

A forma como os europeus, e de um modo especial os portugueses e alemães, dizem viver a vida presente e olhar para o futuro, esbate-se quando refletem sobre questões que saem do seu domínio pessoal, pois 5 em cada 10 europeus *concordam ou concordam totalmente* que, *da forma como as coisas estão agora, é difícil ter esperança no futuro do mundo*. Esta posição do conjunto dos europeus é igualmente reiterada pelos alemães, sendo que 7 em cada 10 portugueses destacam ainda mais essa falta de confiança no futuro do mundo.

Por sua vez, a visão que os europeus têm dos outros não é tão confiante como a que expressam em relação à sua própria vida, pois, quando questionados se *acham que todo o cuidado é pouco quando se lida com as pessoas ou que se pode confiar na maioria das pessoas*, manifestam uma posição mais ambígua, apresentando uma média de 5, numa escala que vai de 0 (significa que todo o cuidado é pouco) a 10 (a maioria das pessoas é de confiança).

Os alemães aproximam-se da opinião da maioria dos europeus, apresentando uma média de 4,91, contudo os portugueses demonstram ainda *menos confiança nos outros e que todo o cuidado é pouco*, apresentando um valor inferior à média da escala, de 3,6. Esta posição dos alemães e dos portugueses é assumida de igual forma pelos homens e mulheres, não havendo diferenças na forma como estes grupos se posicionam⁸.

⁸ Não há diferenças entre os sexos em ambos os países: $t_{\text{Alemanha}} (7.097) = 1,684, ns$; $t_{\text{Portugal}} (895) = 1,753, ns$.

Ao analisar as variáveis *confiança nos outros* e *difícil ter esperança no futuro do mundo* segundo a situação profissional dos portugueses e alemães, verifica-se que os estudantes mostram-se sempre mais confiantes nos outros em ambos os países, não obstante os estudantes portugueses se situarem abaixo do nível médio da escala, com 4,26. Por sua vez, os desempregados são os indivíduos que apresentam o menor nível de confiança. Também são eles, nomeadamente 8 em cada 10 portugueses e 6 em cada 10 alemães desempregados, que manifestam *ter menos esperança no futuro do mundo*. Daqui poder-se-á depreender que quanto mais insegura for a situação perante o trabalho, menor confiança os indivíduos depositam no futuro (cf.: G.5 e G.6).

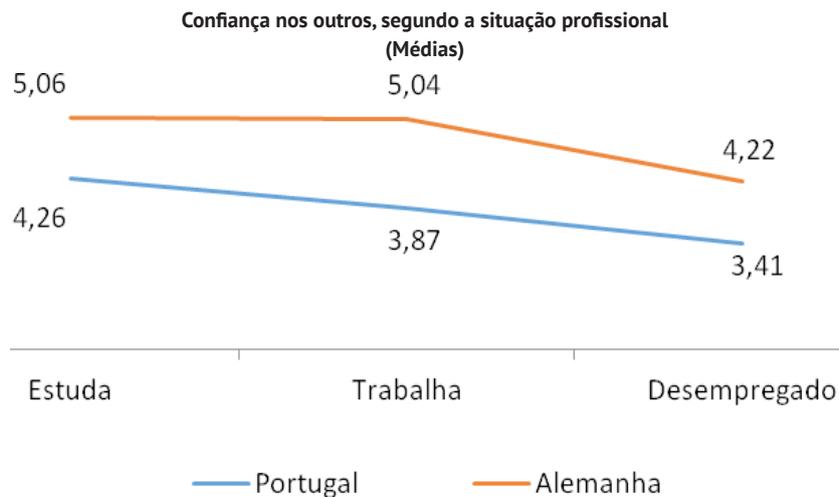


Gráfico 5 - Confiança nos outros, segundo a situação profissional
 Fonte: Elaboração própria, a partir do ESS, 2012

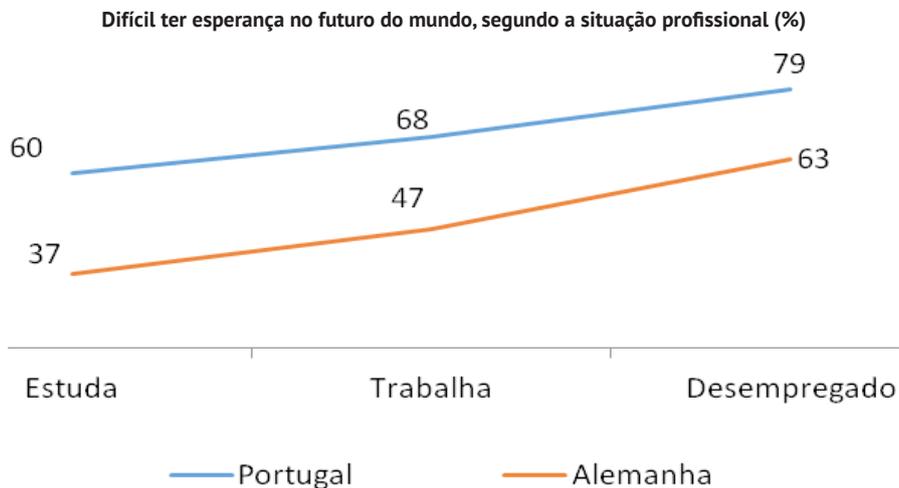


Gráfico 6
 Fonte: Elaboração própria, a partir do ESS, 2012

Mas nem sempre a visão do presente e da sua projeção para o futuro é vivida de forma positiva pelos europeus, a vida pode ser ligeiramente abalada quando as coisas não seguem o rumo desejado, pois apenas 5 em cada 10 europeus *discorda ou discorda completamente que quando as coisas correm mal, normalmente precisam de muito tempo para voltar ao normal*. Metade dos europeus deixa transparecer, assim,

que, embora manifestem uma experiência de otimismo e de confiança nas suas vidas, bem como também digam experimentar sentimentos positivos e motivadores, quando se veem confrontados com situações no tempo presente que tenham subjacentes algumas dificuldades, nem sempre conseguem ter capacidade de resposta imediata às situações conflituantes que a própria vivência implica.

Na verdade, 6 em cada 10 alemães são da opinião que *não precisam de muito tempo para voltar ao normal* quando algo não corre bem; contudo, apenas metade dos portugueses, 5 em cada 10, é desta opinião. Estas posições evidenciam que existem diferenças significativas ($\chi^2 (2) = 63,43$, coeficiente de contingência = 0,09, $p < 0,001$) entre a forma como os portugueses e alemães encaram esta situação na sua vida.

CONCLUSÃO

De todos estes resultados, quer da análise aos europeus, em geral, quer aos portugueses e alemães, poder-se-á depreender dois tipos diferenciados de atitudes:

Por um lado, há uma consciência bem definida quanto às atitudes e sentimentos que experimentam em relação à sua vida presente, a maioria dos europeus refere estar satisfeito com a vida, que experimenta sentimentos de felicidade, experimentam sentimentos muito positivos a seu respeito – calmos e em paz, felizes, cheios de energia –, conseguem arranjar tempo para fazer o que realmente querem, sentem que há um rumo na sua vida e mostram-se otimistas em relação ao futuro. Posições que são assumidas tanto pelos portugueses como pelos alemães, ainda que haja algumas diferenças no grau expresso por cada um destes grupos, pois os portugueses apresentam médias ou percentagens, na maioria das vezes, inferior à dos alemães; por outro lado, quando são levados a analisar no presente a perspetiva futura da sua vida e do que os rodeia, tanto os europeus, no seu conjunto, como os portugueses e alemães demonstram que, embora estejam muito seguros quanto à perceção que têm da sua própria vida, ainda assim deixam transparecer alguma impotência para encontrarem respostas rápidas para quando algo corre mal. Neste caso os portugueses evidenciam um pouco mais a sua impotência do que os alemães. Para além disso, manifestam menos confiança e segurança no que os rodeia, pois metade dos europeus e alemães e um pouco mais de portugueses manifesta que, *da forma como as coisas estão agora, sentem que é difícil ter esperança no futuro do mundo e que não se pode confiar na maioria das pessoas*.

Da leitura destas duas perspetivas e da visão teórica aqui apresentada poder-se-á concluir que há por parte dos indivíduos uma real absolutização do presente, e recorrendo às palavras de Innerarity (2011, 19), na verdade, “uma das consequências da tão frequente proclamada crise da ideia do progresso consiste em o futuro se tornar problemático e o presente se absolutizar”, ou seja, o indivíduo está demasiado seguro do seu presente, demasiado concentrado na sua realização momentânea, não só porque há demasiada informação a circular que os leva a refletir no *já e agora* e a encontrar respostas imediatas, como também há uma necessidade de se cultivar ao

máximo a experiência do momento, uma espécie de *carpe diem*, em que os efeitos e consequências do mesmo não são tão valorizadas no processo de vivência do presente.

Até porque verifica-se que esta atitude esbate-se quando os indivíduos são levados a refletir sobre o seu futuro, evidenciado assim que, a vivência do presente não é feita a pensar numa perspetiva de vida futura, mas, sobretudo, passa pela realização pessoal no tempo presente e no seu máximo aproveitamento. Vive-se, assim, o tempo de forma tão densa que o futuro pode esfumar-se nas tarefas do dia-a-dia. E, neste contexto, o presente têm um olhar curto, já que atende ao urgente e não ao prioritário.

REFERENCIAS

- Adam, B. (1994) *Time and Social Theory*, Cambridge: Polity Press.
- Agostinho, St. (1996) *Confissões*, São Paulo: Nova Cultural.
- Araújo, E. (2006) *O Doutoramento. A Odisseia de Uma Fase da Vida*, Lisboa: Colibri.
- Araújo, E. (2011) “A Política de Tempos: Elementos para uma Abordagem Sociológica”, *Revista Política e Trabalho*, 34: 19-40.
- Aristóteles (1969) *Physique*, Paris : Les belles Letres.
- Balzac, H. (1951) *A solteirona*, Porto Alegre: Globo.
- Bergson, H. (1927) *Ensaio sobre os dados Imediatos da Consciência*, Lisboa: Edições 70.
- Bergson, H. (1929) *Durée et simultanéité*, Paris : Alcan.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1992) *O que é a Filosofia?*, Lisboa: Presença.
- Duque, E. (2012) “Contributos para uma crítica da aceleração do tempo”, in Araújo, E. & Duque, E. (Org.) (2012) *Os tempos sociais e o mundo contemporâneo. Um debate para as Ciências Sociais e Humanas*, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade/Centro de Investigação em Ciências Sociais.
- Durkheim, E. (1985) *Les formes Élémentaires de la Vie Religieuse. Le Système Totémique en Australie*, Paris: PUF.
- Eddington, L. (1949) *La naturaleza del mundo físico*, Buenos Aires: Sudamerica.
- Eliade, M. (1969) *Le mythe de l'éternel retour*, Paris: Gallimard.
- Elias, N. (1994) *A sociedade dos Indivíduos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Elias, N. (1997) *Du Temps*, Lisboa: Difel.
- Franch, M. (2004) *Tempos, contratempos e passatempos*. Tese de Doutoramento em Antropologia, Rio de Janeiro: UFRJ.
- Grossin, W. (1974) *Les temps de la vie quotidienne*, La Haye: Mouton.

- Heidegger, M. (2005) *Ser e tempo*, Petrópolis: Editora Vozes.
- Heller, A. (1982) *O homem do Renascimento*, Lisboa: Presença.
- Innerarity, D. (2011) *O Futuro e os seus Inimigos. A paisagem temporal da sociedade contemporânea. Uma teoria da aceleração*, Lisboa: Teorema.
- Luhmann, N. (1976) "The Future Cannot Begin: Temporal Structures in Modern Society", *Social Research*, 43: 131-152.
- Lyotard, J. F. (1991) *La Diferencia*, Barcelona: Gedisa.
- Marx, K. (1988) *O Capital: Crítica da economia política*, São Paulo: Nova Cultura.
- Pascal, B. (1963) *Pensées*, Paris: Seuil.
- Schopenhauer, A. (2005) *O mundo como vontade e representação*, São Paulo: UNESP.
- Simmel, G. (1978) *The Philosophy of Money*, Londres: Routledge & Kegan Paul.
- Virgílio, P. (1988) *Georgics*, Cambridge: R. F. Thomas.
- Weber, M. (1964) *Economía e sociedad. Esbozo de sociología comprensiva*, México: F.C.E.
- Wells, H. G. (1895) *The Time Machine*, London: William Heinemann.
- Woolf, V. (1951) *Orlando*, Buenos Aires: Sudamericana.